

**Imagens verticais no jornalismo audiovisual:
por uma teoria sobre a produção de sentido em formato perpendicular¹**

Ana Paula GOULART DE ANDRADE²

Sandro Tôrres de AZEVEDO³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Centro Universitário UnilaSalle, Niterói, RJ

Faculdades Integradas Hélio Alonso, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este trabalho apresenta notas preliminares em torno de uma proposta de estudo – e, portanto, da organização de um quadro teórico – acerca das imagens verticais, especialmente produzidas por *smartphones*, que têm recoberto a programação dos noticiários televisuais na atualidade, representando um avanço sobre as pesquisas que desenvolvemos desde 2009. Agora, de pronto, partimos de teorias próprias do Jornalismo e incluímos a Semiótica Discursiva no intuito de iniciarmos uma investigação sobre os elementos estético e discursivos atinentes à produção e recepção de imagens pendulares, culminando na análise da sua produção de sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Imagens verticais; jornalismo audiovisual; produção de sentido; semiótica; comunicação.

RESUMO EXPANDIDO

Diante da consolidação da produção e consumo de imagens em telas verticais, a partir do uso generalizado de *smartphones*, propomos ampliar o debate acerca das cada vez mais circulantes imagens amadoras que recobrem as narrativas telejornalísticas na atualidade. Interessa-nos observar os efeitos estéticos e discursivos que os vídeos capturados pelos cidadãos comuns têm impactado na produção do sentido depreendido pelo jornalismo contemporâneo e, tanto quanto, na construção social da realidade. Especialmente, visamos analisar esta temática recortada pelo enquadramento vertical (pendular), formato este bastante habitual nos usos ordinários das câmeras dos celulares e que não

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² Doutora em Comunicação Social (PUC-Rio), professora do PPGMC/UFF, da ECO/UFRJ, Da UnilaSalle e da Facha, email: goulartdeandrade@gmail.com.

³ Doutor em Estudos de Linguagem (UFF), professor do PPGICS/Fiocruz e da ECO/UFRJ, email: sandro.torres@eco.ufrj.br.

só tem comparecido exacerbadamente na cena telejornalística, como também transbordado para diversas telas, majoritariamente via mídias sociais.

Assim, procuramos articular as proposições teóricas referentes ao jornalismo para telas (EMERIM, 2018) com as questões suscitadas pelo jornalismo de proximidade (CAMPONEZ, 2002) em novos formatos, especialmente vídeos curtos (CALEFFI; PEREIRA, 2022). Ainda, nosso quadro teórico inclui a Semiótica – que também é utilizada como ferramenta de análise –, especificamente considerando a passagem do sensível ao inteligível (GREIMAS, 2002), de modo a refletir sobre os efeitos estéticos do arranjo próprio dessa expressão discursiva. Outrossim, neste percurso, intentamos dar ênfase aos postulados sobre o dispositivo topológico e a categoria eidética (GREIMAS, 2004), concernentes à Semiótica Plástica (OLIVEIRA, 2004; TEIXEIRA, 2004), além de observar as questões relativas aos regimes de interação apresentados pela Sociossemiótica (LANDOWSKI, 2014).

Desde 2009, já temos nos debruçado sobre as transformações que o uso de imagens amadoras contemporâneas tem imposto à atividade jornalística profissional – ao que chamamos de “telejornalismo apócrifo” (GOULART DE ANDRADE, 2014; 2018; 2021; GOULART DE ANDRADE; AZEVEDO, 2010; 2011; 2013a; 2013b; AGUIAR; GOULART DE ANDRADE, 2015; 2017; 2019; 2020; FIGUEIREDO; GOULART DE ANDRADE, 2013). Notamos que imagens produzidas pelos próprios telespectadores ou por câmeras de vigilância (e cedidas prioritariamente por fontes oficiais) vinham progressivamente preenchendo as grades de programação dos noticiários brasileiros. Ocorre que esta circunstância encontra hoje novos e significativos aspectos. Se, por um lado, as emissoras de TV têm precarizado a mão de obra especializada e os recursos técnicos (muitas vezes justificado pelo próprio avanço das tecnologias digitais), o que redundou no enxugamento das equipes e dispositivos de produção, por outro, acompanhamos um aumento exponencial da posse de *smartphones* dotados de câmeras de vídeo pelo cidadão comum – e do uso de seus diversos aparatos para o registro dos acontecimentos do cotidiano.

Para se ter uma ideia de escala das alterações às quais aludimos, é preciso ratificar que, de acordo com a 33ª edição da Pesquisa Anual do FGVcia sobre o Mercado

Brasileiro de TI e Uso nas Empresas (2022)⁴, estão em operação no Brasil atualmente cerca de 447 milhões de dispositivos digitais (incluindo computadores, notebooks, *tablets* e *smartphones*), isto é, mais do que dois equipamentos por habitante, sendo que 242 milhões são celulares inteligentes. Considerando que operavam no país 46,3 milhões de celulares em 2003⁵, o crescimento em questão é da ordem de 965% em vinte anos – e tal dado expressivo nem leva em consideração os avanços relacionados aos recursos técnicos dos aparelhos (captura de imagem e som, uso de aplicativos de edição, filtros etc.), nem a ampliação do acesso à internet, seja em termos de conexão, seja em velocidade (ampliação de banda)⁶. Enfim, é lícito crer que a ideia de jornalismo participativo seja impactada em grandeza relativamente proporcional, mormente quando levamos em conta as acelerações motivadas pelos saltos atinentes ao recente período da pandemia de Covid-19, que sabidamente promoveu uma precipitação da popularização de diversos dispositivos tecnológicos (e de suas funcionalidades), alterando, inclusive, a anatomia dos telejornais (PICCININ; SOSTER, 2012).

Parece-nos inequívoco que essa nova conjuntura reflete automaticamente nas formas de produção de sentido contemporâneas, tanto do ponto de vista da formação e do exercício da profissão do Jornalismo, quanto das experiências estéticas, do imaginário social e das subjetividades predominantes na atualidade. Sendo o Jornalismo uma parte importante da construção das visões de mundo que circulam e formam opinião, num determinado lugar, numa época específica, as mudanças na sua plástica e na matéria-prima dos seus produtos hão de resvalar em uma série de fenômenos que devem ser sondados, sob pena de, assim não sendo, se perderem as camadas constitutivas das metamorfoses aceleradamente sofridas pela produção audiovisual, em particular no Jornalismo.

A título de exemplificação e de materialização da questão colocada, tomemos os múltiplos sentidos possíveis que emergem da imagem produzida em formato vertical (pelo celular de um sujeito comum), que depois é apropriada, editada e transmitida por um canal de TV convencional em formato horizontal (normalmente com grafismos à

⁴ Disponível em: <https://eaesp.fgv.br/producao-intelectual/pesquisa-anual-uso-ti>. Acesso em: 12 fev 2022.

⁵ Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/celulares-chegam-a-46-milhoes-em-2003-m0060807>. Acesso em: 12 fev 2022.

⁶ De certo, não é possível desconsiderar que há ainda em vigência uma significativa exclusão digital, na medida em que a posse e os usos de *smartphones* são naturalmente delimitados por recortes especialmente socioeconômicos.

esquerda e à direita) e, posteriormente, é retornada ao visor vertical, acrescido de mais camadas (agora acima e a baixo) para exibição em plataformas tais como TikTok, Instagram (*stories* e *reels*), dentre outras redes sociais digitais.

Dessa forma, interessa-nos descortinar os sentidos que são construídos na radicalização da circulação de imagens amadoras, singularmente os vídeos verticais, suas apropriações e reapropriações na cena que engloba o jornalismo em transição. Como as rotinas produtivas estão sendo afetadas neste cenário? Que novas experiências estéticas são vividas a partir dessa recorrência? As narrativas produzidas nesta circunstância são mais plurais, inclusivas e democráticas? Ou a utilização de imagens dessa natureza está cumprindo apenas uma performance de aproximação com a linguagem das redes? De que forma a mídia hegemônica permanece contribuindo para a realidade socialmente construída? Como fica a questão da verdade e credibilidade jornalística?

Intuímos que a notória crise no modelo de negócio das empresas telejornalísticas (e das emissoras de TV, por extensão) funciona como a mola-mestra que justifica a multiplicação dos efeitos estéticos, das sensações, dos discursos que embalam a programação noticiosa em telas (numa perspectiva transmidiática como, afinal, os conglomerados de comunicação se organizaram mais recentemente). Entretanto, os movimentos concernentes ao jornalismo – e às expressões midiáticas como um todo –, como sempre, operam de forma didática frente à audiência, que, naturalmente, passa a incorporar maneiras de ver o mundo, naturalizando, com isso, o olhar em geral, tal qual é próprio das pedagogias cognitivas que as mídias impõem desde sempre – e que hoje ainda podem ser sentidas nos fenômenos comunicativos que incluem as novelas, os reality shows, os programas de auditório, apenas para citar alguns.

Parece-nos um caminho promissor para observar os fenômenos estéticos que atravessam nosso objeto o uso da Semiótica Plástica, uma vez que Greimas (2004) reflete que o dispositivo topológico funciona como um *fechamento*, delimitando, por um lado, o enunciador, que se coloca “fora do quadro”, mas se instaura no enunciado particularmente em primeira pessoa (no caso do manuseador do *smartphone*) – e portanto a partir da instauração de uma debreagem enunciativa (aquela em que instaura um eu, um aqui e um agora da enunciação); e, por outro lado, um “todo de significação” orientado por um eixo vertical, contribuindo para a produção de um novo crivo de observação, desregulando o plano horizontal hegemônico do cinema e da televisão e regulando uma leitura

que se aproxima dos contratos estabelecidos pelo uso ordinário das tecnologias do dia a dia – e, portanto, criando um efeito de aproximação entre enunciados e enunciatório.

Ademais, apesar de normalmente os regimes de interação (LANDOWSKI, 2014) envolvidos em capturas de acontecimentos do cotidiano por *smartphones* se inserirem na ordem da programação e da manipulação, ocorre, inevitavelmente, um efeito de sentido de ajustamento. Ou seja, apesar do usuário do celular enquadrar a cena que conduz o olhar do observador (CRARY, 2012), parece que há uma negociação de sentidos entre o enunciador e a cena enunciada (seja moldurando pessoas, coisas, lugares etc.), o que aumenta a sensação de produção participativa – e, mais uma vez, aproxima a produção televisual dos enunciados próprios da mídias sociais.

Estas notas apenas apontam para percursos e direções, o início de um longo caminho a ser percorrido, ainda que já tenhamos reunido materiais significativos em nossas trajetórias acadêmicas e profissionais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L.; GOULART DE ANDRADE, A. P. As imagens amadoras e de vigilância na produção jornalística e a reconfiguração do mercado de trabalho no telejornalismo. In: **40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Brasília: INTERCOM, 2017.

AGUIAR, L.; GOULART DE ANDRADE, A. P. As imagens de vídeos amadores e de vigilância no telejornalismo: um estudo sobre as práticas jornalísticas contemporâneas. In: **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, v. 6, p. 194-211, 2019.

AGUIAR, L.; GOULART DE ANDRADE, A. P. Novas interfaces nas rotinas produtivas e credibilidade jornalística: uma contribuição aos estudos da profissão. In: **Mediação**, v. 22, p. 67-79, 2020.

AGUIAR, L.; GOULART DE ANDRADE, A. P. Telejornalismo construído por vídeos amadores e de vigilância: uma pesquisa etnográfica sobre as práticas jornalísticas contemporâneas. In: **38º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Brasília: INTERCOM, 2015.

CAMPONEZ, C. **Jornalismo de proximidade**: rituais de comunicação na imprensa regional. Coimbra: Minerva, 2002.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do Observador**: visão e modernidade no século XIX. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

EMERIM, C. Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia** – PPGJ/UFSC, v. 14, n. 2, pp. 113-126. Florianópolis, jul/dez, 2017.

FIGUEIREDO, V.; GOULART DE ANDRADE, A. P. O caso Bibi Perigosa: uma análise das microcelebridades e do telejornalismo apócrifo. In: **Revista Polêmica**, v. 12, p. 1, 2013.

GOULART DE ANDRADE, A. P. **Entre crenças e ecrãs**: comunidade transterritorial, telejornais e webtelas de Portugal. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica – Puc-Rio. Rio de Janeiro, 2021.

GOULART DE ANDRADE, A. P. **Telejornalismo apócrifo**: a construção da notícia com imagens amadoras e de vigilância. Florianópolis: Insular, 2018.

GOULART DE ANDRADE, A. P. **Telejornalismo apócrifo**: perspectivas sobre o uso de imagens amadoras e de videovigilância na construção da narrativa telejornalística. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica – Puc-Rio. Rio de Janeiro, 2014.

GOULART DE ANDRADE, A. P.; AZEVEDO, S. T. A construção da notícia e o telejornalismo apócrifo: uma investigação sobre a agenda dos acontecimentos. In: **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 1, p. 83, 2012.

GOULART DE ANDRADE, A. P.; AZEVEDO, S. T. Efeitos de sentido do trágico no telejornalismo apócrifo: a narrativa construída por imagens de videovigilância. In: OLIVERIA, T.; MAIA, A.; SALGADO, J.; JORGE, M. F. (Orgs.). **Reencontros da comunicação**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2013a.

GOULART DE ANDRADE, A. P.; AZEVEDO, S. T. Imagens cedidas e a narrativa jornalística na TV: o telejornalismo apócrifo e a dupla performance. In: **8º SBPJor** – Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Brasília: SBPJor, 2010.

GOULART DE ANDRADE, A. P.; AZEVEDO, S. T. Novos Aspectos da Narrativa Jornalística: do Jornalismo Participativo ao Telejornalismo Apócrifo. In: **Revista PJ:Br**, v. 2, p. 01-26, 2011.

GOULART DE ANDRADE, A. P.; AZEVEDO, S. T. Sorria, você está sendo filmado: o telejornalismo apócrifo e o efeito de tragicidade das imagens de videovigilância. In: **Revista de Comunicação**, v. 14, p. 135, 2013b.

GOULART DE ANDRADE, A. P. **Telejornalismo apócrifo**: perspectivas sobre o uso de imagens amadoras e de videovigilância na construção da narrativa telejornalística. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica – Puc-Rio. Rio de Janeiro, 2014.

GREIMAS, A. J. **Da Imperfeição**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GRIMAS, A. J. Semiótica figurativa e semiótica plástica. In: OLIVEIRA, A. C. (Org). **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

LANDOWSKI, E. **Interações arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

OLIVEIRA, A. C. Semiótica plástica ou semiótica visual. In: OLIVEIRA, A. C. (Org). **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

PEREIRA, A.; CALEFFI, R. A Twitch como nova plataforma para o jornalismo para telas. In: **Anais do 20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Brasília: SBPJor, 2022.

PICCININ, F.; SOSTER, D. A. Da anatomia do telejornal midiaticado: metamorfoses e narrativas múltiplas. In: **Brazilian Journalism Research**, São Paulo, v. 8, n. 2, p.118- 134, 2012.

TEIXEIRA, I. A práxis enunciativa num auto-retrato de Tarsila do Amaral. In: OLIVEIRA, A. C. (Org). **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.